

NATUREZA E SER HUMANO: UMA QUESTÃO MORAL

Idete Teles dos Santos¹

RESUMO: A proposta é refletir sobre a relação entre o homem e o meio ambiente a partir de fundamentos filosóficos da bioética. O que se pretende mostrar é que não se pode apenas oferecer argumentos morais para a preservação da natureza, baseados no próprio bem-estar do homem, como também existe a possibilidade de estabelecer argumentos que apresentem a natureza não apenas como um valor instrumental, mas um valor intrínseco. Tal argumentação terá como base teórica principal a obra *Ética Prática* (1979) de Peter Singer. Ademais, a partir do citado referencial teórico, se oferecerá argumentos para que se possa refletir acerca do singular, particular e imediato, como, por exemplo, a biopirataria na Amazônia. Uma das conclusões que esta proposta de discussão teórica exporá é que, muitas vezes, a visão estreita e viral do homem absolutamente voltado ao ganho financeiro, torna-o, no mínimo, imoral diante da natureza e assim uma das consequências desta atitude, é a sua própria destruição.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Ser humano. Ética.

O tema da ética ambiental ganhou relevância na sociedade hodierna a partir da crise dos recursos naturais que, cada vez mais, vem sendo apontada e denunciada por diversos setores da sociedade. Desde o século XIX, o mundo vem se perguntando como agir ou reagir diante das modificações visíveis da natureza e de prognósticos cada vez mais pessimistas em relação ao futuro do homem e do “mundo natural” caso esse homem não repense tal relação. Seguramente, repensar a atitude do homem para com a natureza é ponto pacífico em nossos dias, contudo, como repensar e o que fazer ou deixar de fazer ainda causa muita controvérsia.

A discussão que se segue busca contribuir, minimamente, para possíveis caminhos ou respostas para a pergunta: o que fazer ou deixar de fazer em relação ao meio ambiente? Pensando a partir de pressupostos éticos, o filósofo Peter Singer nos ajuda a refletir sobre a relação moral que o homem precisa estabelecer com a natureza, com os outros animais. Não se trata

¹ Doutora em Filosofia, Professora da Universidade Federal do Acre.

certamente *da resposta*, mas seguramente de *uma resposta* que vai ao encontro de homens moralmente mais conscientes e responsáveis diante da complexidade e diversidade de vidas que seu meio possui. Em resumo, partindo do Princípio de Igual Consideração de Interesse (PICI), proposto por Singer, se visualiza uma proposta ética que busca oferecer ao homem uma relação moral para com o meio ambiente não pautada na dominação e exploração do primeiro para com a última, mas sim, considerando a natureza como algo com valor em si, ou seja, com valor intrínseco.

Relação histórica ocidental do homem com a natureza & PICI

De acordo com a tradição ocidental dominante, o mundo natural existe para o benefício do homem e somente este último tem valor moral. A natureza e assim os animais, não-humanos, nesta conjectura, não tem nenhum valor intrínseco, inerente, mas apenas instrumental. Essa relação do homem com a natureza foi historicamente instituída, em parte, pelos ideais do cristianismo presentes principalmente na bíblia e, em parte, por filósofos como Aristóteles, Santo Agostinho e Descartes.

Inicialmente, para ilustrar essa visão histórica instrumental que o homem estabeleceu com a natureza temos no relato da criação, em Gênese, a seguinte passagem bíblica: ‘Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que tenha domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre todos os répteis que rastejam pela terra’. E mais, no evento do dilúvio em que Deus afoga quase todos os animais para castigar os seres humanos, Deus disse: ‘Sereis temidos e respeitados por todos os animais da terra, por todas as aves do céu, por tudo quanto rasteja sobre a terra, e por todos os peixes do mar; entrego-os ao vosso poder’. Tais passagens bíblicas claramente são expressões de uma relação instrumental e dominadora por parte do homem em relação a natureza.

Dentre alguns dos principais filósofos ocidentais, a relação dominadora, superior e exploradora do homem para com a natureza se repete e se consolida. Aristóteles, por exemplo, um dos principais pensadores da Idade Antiga e, por conseguinte, importante expoente teórico filosófico da cultura ocidental, considerava a natureza a partir de uma hierarquia em que os que têm

menos capacidade de raciocínio existem para o bem dos que têm mais. Considerando que o homem seria aquele ser detentor da maior capacidade racional, os demais seres, isto é, plantas e animais existiriam apenas para servir ou para o bem do homem. Na mesma direção, Santo Agostinho, um dos principais representantes da tradição filosófica da Idade Média, conforme Singer esclarece, ao se referir aos relatos do Novo Testamento, segundo os quais Jesus destruiu uma figueira e provocou o afogamento de um rebanho de porcos, explicou que esses incidentes enigmáticos tinham por finalidade ensinar-nos que “abster-se de matar animais e destruir plantas é o máximo da superstição” (SINGER, 2002, p. 282). E, por fim, para citar um dos principais expoentes da filosofia moderna, Descartes afirmava que somos os “senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1979, p. 64). Conforme se percebe, diante destes pensamentos que contribuíram significativamente para o tipo de relação que, historicamente, o homem estabeleceu com a natureza, está presente estritamente a relação de dominação e instrumentalização da mesma.² O homem é simplesmente aquele “escolhido” e/ou “superior” que pode e deve fazer da natureza unicamente um instrumento para seu bem. Nota-se que a natureza não se apresenta como algo com valor em si, valor intrínseco, mas tão somente como um valor instrumental e que deve ser utilizada, conforme o bel prazer de seu dominador, o homem.

Diante de tal relação, dominante na história ocidental, é necessário perguntar se tal relação pode ser sustentada hodiernamente. Ainda há espaço para este tipo de relação do homem para com a natureza? Peter Singer (1946) certamente diria que sim, mas que não deveria existir. Este filósofo, professor na Universidade de Princeton, EUA, é um dos primeiros e principais filósofos contemporâneos a se ocupar em questionar moralmente a relação do homem com a natureza. Ou, ainda, a teorizar acerca da responsabilidade moral do homem para com a natureza. Dentre as obras que escreveu com tal propósito destacam-se *Libertação animal* (1975) e *Ética prática* (1979). Para a discussão que este texto propõe serão tomados, especificamente, os argumentos filosóficos apresentados por Singer em *Ética Prática*, posto que é uma obra basilar para as

² Vale ressaltar que ao longo de nossa história ocidental também houveram vozes dissidentes quanto a esta relação de exploração e dominação do homem em relação a natureza. Exemplos destas vozes são: Basílio, João Crisóstomo e Francisco de Assis.

discussões de cunho moral/filosófica da relação do homem para com a natureza em tempos atuais.

Singer propõe uma ética consequencialista, isto é, na ação moral é necessário observar as consequências. Em outros termos, a ação é boa ou má, moralmente, segundo os benefícios ou malefícios decorrentes da mesma. Diante dessa perspectiva moral, Singer aponta alguns argumentos para sugerir a necessidade de agirmos moralmente em relação a natureza. Inicialmente, o argumento para as futuras gerações, isto é, ao agir ou intervir na natureza devemos avaliar as consequências dessa ação para o bem-estar das futuras gerações. Dessa feita, a destruição das florestas e/ou da biodiversidade para a construção de hidrelétricas, fábricas, etc., oferecem apenas o possível benefício imediato para, no máximo, duas gerações. Com o tempo inventam-se novas tecnologias, novas necessidades e prioridades e aquela tecnologia torna-se obsoleta e aquela floresta, aquela biodiversidade que foi destruída não será resgatada jamais, posto que “existem coisas que, depois de perdidas, não podem ser recuperadas por dinheiro algum” (SINGER, 2002, p. 285). Logo, as futuras gerações serão privadas dos recursos naturais que foram destruídos para a construção de algo que também não gerou benefícios para elas. Não obstante, há de se considerar, conforme conclui Singer, que “ao contrário de muitas outras sociedades humanas, mais estáveis e voltadas para as suas tradições, a nossa formação política e cultural tem uma grande dificuldade de admitir valores a longo prazo” (SINGER, 2002, p. 285).

Logo o argumento das futuras gerações ganha poucos adeptos. Poucos estão interessados ou levam em conta, os possíveis ganhos ou perdas futuras, no sentido de gerações, posto que estão absolutamente preocupados e ocupados com o presente, com os ganhos imediatos.

Um segundo argumento é o estético: o argumento que se baseia na beleza natural: no rio que corre, na árvore que balança, no pássaro que canta, etc. Parece um argumento fraco, frágil, entretanto, basta comparar a destruição de um quadro de Van Gogh, por exemplo, para perceber que não estamos absolutamente dispostos a deixar de contemplar o belo, a plenitude de uma apreciação estética de um quadro, assim como de caminhar na mata, simplesmente. Ademais, talvez não estejamos prontos para substituir o banhar-se no mar ou no igarapé por uma consulta ao psicólogo ou por um medicamento. Posto que todo

aquele que já banhou-se no mar ou no igarapé, poderia testemunhar o poder revitalizante, revigorante que esse simples banhar-se pode trazer e, normalmente, sem custos.

Todavia, argumenta Singer, mesmo que o ser humano possa oferecer argumentos morais para a preservação da natureza, baseado no seu próprio bem-estar, conforme as considerações apresentadas anteriormente, existe a possibilidade de estabelecer argumentos que vejam a natureza não apenas como um valor instrumental, mas um valor intrínseco. Algo tem valor intrínseco quando é bom ou desejável *em si*, isto é, não apenas ou somente porque é útil a alguém. A felicidade, por exemplo, pode ter um valor intrínseco, na medida em que a desejamos *em si e por si*, já o dinheiro teria um valor instrumental, posto que o desejamos como meio para outros fins.

Singer esclarece, na natureza, para além do ser humano, existem milhares de espécies sencientes. Isto é, capazes de sentir dor e sofrimento, ou então, de sentir prazer. Essas espécies, seguramente, têm interesse em evitar ou fugir, assim como nós, da dor e do sofrimento, bem como, realizar aquilo que lhes traz prazer e bem-estar. Nesta perspectiva, Singer propõe o PICI, o qual estabelece a necessidade moral de observar a igual consideração de interesse de todos os seres sencientes envolvidos na ação moral. Nos termos de Singer,

A essência do princípio da igual consideração significa que, em nossas deliberações morais, atribuímos o mesmo peso aos interesses semelhantes de todos os que são atingidos por nossos atos. [...] um interesse é um interesse, seja lá de quem for esse interesse (SINGER, 2002, p. 30).

Portanto, tal princípio pretende estender o campo ético para além de nossa própria espécie e assim para além de nosso, exclusivo, interesse. O limite do âmbito moral não é mais a espécie humana, mas sim todo aquele ser passível de sentiência, isto é, “a dor e o sofrimento são coisas más e independentemente da raça do sexo ou da espécie, [portanto] devem ser evitados ou mitigados” (SINGER, 2002, p. 71). E conforme, Singer salienta, os interesses de um ser devem sempre ser avaliados (considerados) de acordo com as propriedades concretas desse ser e não ao fato dele pertencer ou não a determinado grupo-es-

pécie. Um interesse é aquilo que é importante ou mesmo vital para o bem-estar de um indivíduo senciente, independente de ser um humano ou não.

Se tomarmos o PICI como pressuposto moral, podemos e devemos nos perguntar: até que ponto o interesse econômico, recreativo e científico do homem pode estar acima da vida de determinadas espécies sencientes? Por exemplo: o experimento nos olhos de coelhos para testar cosméticos. O interesse científico em criar mais um cosmético está acima do interesse do coelho em não sentir dor ou, até mesmo, ter a visão prejudicada definitivamente devido aos experimentos?

Contudo, tal argumento poderia abarcar todos os seres sencientes da natureza? E os demais seres vivos, mas não sencientes, como uma árvore, por exemplo? Pelo menos, até então não se tem comprovação suficiente de que uma árvore é um ser vivo com consciência.

Singer especula que é necessário respeitar a vida, promover a vida. Normalmente, pode-se dizer que é bom conservar e acalentar a vida, é ruim destruir e reprimir a vida. Tomando o argumento de Albert Schweitzer, poderia-se concluir que um homem somente seria realmente ético quando fosse capaz de obedecer ao dever que lhe é imposto, de ajudar toda a vida que for capaz de ajudar e quando se der ao trabalho de impedir que se causem danos a todas as coisas vivas. Ele não pergunta se esta ou aquela vida é digna de solidariedade enquanto dotada de valor intrínseco, nem até que ponto ela é capaz de sentimentos. Para ele, a vida é sagrada enquanto tal. Contudo, para Singer, esse tipo de defesa não tem força suficiente³. Para ele o limite dos seres sencientes e não-sencientes é mais sólido e é suficiente. Ao considerar os interesses dos seres sencientes é necessário, por conseguinte, preservar os meios ou o ambiente necessário para o bem-estar desses seres. Dessa forma, para Singer:

esses argumentos são suficientes para mostrar que, pelo menos numa sociedade onde ninguém precisa destruir a natureza para obter alimento para a sobrevivência ou materiais para abrigar-se [...], o valor da preservação do que resta nas regiões naturais

³ Para os objetivos deste texto não é necessário esclarecer quais são os motivos pelos quais Singer não dá muita credibilidade ao argumento do ‘respeito à toda forma de vida’ como suficiente para uma ética ambiental. Para conferir tal argumento ver SINGER, 2002, p. 294-295.

significativas excede em muito os valores econômicos obtidos através da sua destruição (SINGER, 2002, p. 300).

Para ser eticamente correto em relação à natureza não precisamos necessariamente nos abster de pisar em uma formiga, de comer carne, de andar de carro. Mas precisamos ter consciência que nossas escolhas não são neutras eticamente, pondera Singer. O exagero, a extravagância e o interesse único e exclusivo com seu bem-estar, seguramente, são contrários a uma ética ambiental, posto que uma ética ambiental rejeita os ideais de uma sociedade materialista na qual o sucesso é medido pelo número de bens de consumo que alguém é capaz de acumular. Em vez disso, ela avalia o sucesso em termos do desenvolvimento das aptidões individuais e da verdadeira conquista de satisfação e realização (SINGER, 2002). Por conseguinte, uma ética ambiental que leve em conta os interesses de todos aqueles seres sencientes, direta ou indiretamente, envolvidos em nossa ação ou intervenção ambiental não deve menosprezar os interesses dos outros seres e supervalorizar os nossos interesses. Ademais, uma ação moral que leve em conta a natureza, os seres sencientes, vai de encontro ao consumismo e individualismo, tão fortemente estimulados pelo capitalismo. Conforme Singer, para ser moral hodiernamente não é necessário ser vegano, basta ter consciência e consideração pelos interesses alheios, um princípio básico de sociabilidade e moralidade. Não apenas o homem é moralmente significativo, não somente ele tem interesses e possibilidades de chegar a estas conclusões.

O PICI e a Amazônia: um olhar moral

Existe uma Amazônia idílica no imaginário hodierno. A Amazônia verde, repleta da mais diversa fauna e flora. Moradia de inúmeros povos indígenas. Entretanto, existe uma outra Amazônia. Esta é pouco ou raramente conhecida e muitas vezes escondida. Uma Amazônia em que sua fauna e flora estão sendo, sistematicamente, destruídas, exploradas e mesmo roubadas. Uma Amazônia que passou de moradia de muitos povos indígenas à propriedade “invadida”, uma Amazônia que vê cada vez mais sua fauna e flora indo embora, sucumbindo ou “dando lugar” ao “progresso”.

O interesse nacional/internacional na Amazônia é claro e notável. O problema é que esse interesse, muitas vezes, se traduz em explorar, retirar, produzir, progredir, capitalizar, render. Enfim, todos verbos que com-

binam bem com o capitalismo, mas que pouco ou nada ajudam a preservar e valorizar o que realmente a região representa. Os povos que nela vivem, especialmente, os indígenas, com a biopirataria, por exemplo, mudam seus papéis de “intrusos improdutivos” para mão-de-obra barata e especializada. Em outros termos, a biopirataria é um crime tão cruel e imoral, que não somente usurpa os conhecimentos tradicionais desses povos, mas também os utiliza para encontrar, coletar e transformar tais conhecimentos em rendimentos econômicos para os usurpadores. Aos povos indígenas resta o trabalho e a exploração daquilo que é parte constituinte de suas identidades, isto é, seus conhecimentos tradicionais, seus costumes.

Em um artigo intitulado *Biopirataria na Amazônia: como reduzir os riscos?* De Alfredo Homma⁴, vê-se a seguinte afirmação:

A melhor forma de combater a biopirataria na Amazônia é conseguir transformar os recursos da biodiversidade em atividades econômicas para gerar renda e emprego para a sua população. A fragilidade da economia extrativa em que se baseia a maioria dos produtos da biodiversidade amazônica constitui um convite a biopirataria (HOMMA, 2005, p. 47) (o destaque é meu).

Desta afirmação se depreende que, pelo visto, os povos indígenas e/ou extrativistas são obrigados a seguir a lógica do capital. É *necessário e lógico* que os recursos da biodiversidade sejam transformados em ganhos econômicos, posto que se os povos que vivem na região não o fizerem, terceiros o farão. A biopirataria somente acabaria se os indígenas entendessem que é necessário ganhar dinheiro com a riqueza da Amazônia, acumular é a regra. O que os indígenas querem, não está em discussão. O interesse destes povos parece não entrar no cálculo. Esse raciocínio seguramente não leva em conta a igual consideração de interesse, pelo contrário, apenas visa e prorroga o interesse de determinados grupos.

A biopirataria é um dos principais problemas dessa Amazônia que poucos conhecem e se importam. Mas a biopirataria não é somente a apropriação e monopolização dos conhecimentos das populações tradicionais

⁴ Alfredo Kingo Oyama Homma é engenheiro agrícola e pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental.

no que se refere ao uso dos recursos naturais, mas, também, o contrabando de diversas formas de vida da flora e fauna. Portanto, é necessário entender do que estamos falando. Estamos falando de vidas. Vidas dos povos indígenas, vidas de animais, vidas de plantas, enfim de vidas. São vidas que são simplesmente transformadas em mercadorias, que são instrumentalizadas. São vidas que são inferiorizadas e mesmo desconsideradas por aqueles que se acham os verdadeiros e únicos viventes e portadores de interesses. Então, o homem que vende, compra, negocia animais, plantas e conhecimentos tradicionais; vende, compra e negocia vidas. Qual é o valor que estamos dando a essas vidas? Como vimos, Peter Singer opera com o PICI, isto é, para estabelecer o certo e o errado, próprios da atitude moral, precisamos saber qual é o interesse de cada vida envolvida na ação e mais, levar em consideração a igualdade no interesse dessas vidas. Por exemplo, qual é o interesse de um comprador de um papagaio? Lucro, deleite, prazer? Invertendo, qual é o interesse do papagaio? Viver livre na mata conforme sua espécie? Ou viver preso em uma gaiola ou no zoológico? Qual interesse deveria ser levado em consideração? Apenas o interesse do comprador? E o interesse do papagaio? Qual interesse vale mais? Não faltam exemplos de desconsideração de interesses ou de consideração de apenas alguns interesses: na farra do boi, na tourada como ficam os interesses? De um lado, festa, prazer, lazer, esporte? Do outro lado, dor, sofrimento e até morte. Como podemos defender que é mais importante esses homens se divertirem do que o boi não sentir dor, sofrimento e mesmo morrer? Singer, não está sensibilizando o homem para que este evite pisar em uma formiga, para que deixe de matar um carapanã. Está argumentando e perguntando qual é o valor que damos as diferentes formas de vidas e como legitimar acima de tudo o interesse do homem em detrimento do valor de outras vidas e de seus interesses. Matar um animal, uma planta não necessariamente pode estar errado, mas saber porque se matou e qual a consequência desse ato é o que pode revelar um ato completamente imoral. A pergunta de Singer e da bioética é pelo por quê de nossas escolhas. Se as podemos justificar moralmente.

Discursos em defesa da natureza e de sua preservação urgente e necessária se tornaram corriqueiros, por vezes banais e mesmo apenas voltados para a sensibilização. Necessário é retomar ou tomar a questão da na-

tureza com o viés racional, com o rigor lógico e moral que essa questão merece. Singer deseja, simplesmente, chamar a atenção e oferecer possíveis e racionais argumentos para pensar ou repensar a nossa relação com o meio que nos cerca e no qual estamos necessariamente inseridos.

O homem, muitas vezes, parece um vírus, no sentido em que, paradoxalmente, destrói aquilo – a natureza – que o permite viver. Não nos parece racional essa relação viral do homem para com a natureza. Ela é, no mínimo, autodestrutiva. A arrogância do homem em achar que deve e pode dominar o mundo, os animais e tudo o mais já é obsoleto, está na hora de perceber que se existe um dominador aqui, este/esta é a natureza. Mais do que isso, o homem precisa entender que ele não é o único ser com valor moral, ou com valor intrínseco. Um tucano pode ser merecedor de ações moralmente corretas e detentor de valor intrínseco tanto quanto um bebê. Ambos são incapazes de agir moralmente, mas isso não significa que eles não tenham interesses, não sintam dor ou prazer ou que não tenham valor em si. Portanto, nossas escolhas de divertimento, lazer, alimentação e estilo de vida não são, moralmente, neutras.

NATURE AND HUMAN: A QUESTION MORAL

ABSTRACT: The proposal is to reflect the relationship between man and the environment from philosophical foundations of bioethics. The aim is to show that not only can offer moral arguments for the preservation of nature based on the man's well-being, but also there is the possibility of arguments in the nature not only as an instrumental value, but a value intrinsic. That argument will primarily theoretical basis to work Practical Ethics (1979) by Peter Singer. Moreover, from the theoretical framework mentioned, will offer arguments so that we can reflect on the singular, particular and immediate, such as biopiracy in the Amazon. One conclusion that this proposed theoretical discussion will expose is that, often, the narrow vision of viral and absolutely focused on the financial gain man, makes it at least immoral before nature and so one of the consequences of this attitude, it is his destruction.

KEYWORDS: Nature. Human being. Ethics.

Referências

BORGES, M. L.; DALL'AGNOL, D.; DUTRA, D. V. *Ética: o que você precisa saber*

Idete Teles dos Santos

sobre. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HOMMA, A. *Biopirataria na Amazônia: como reduzir os riscos?*in: Amazônia: Ci. & Desenv., Belém, v.1, n.1, jul. /dez., p. 47-60, 2005.

SINGER, P. *Ética prática*. 3 Ed.Tradução Jeferson Luiz Camarão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TORRES, J. C. B. (org.). *Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis -RJ: Vozes, 2014.

Data de recebimento: 13/11/2014

Data de aceite: 17/12/2014